



A Verdade

ANO LXVIII - Nº 545 - Julho / Agosto de 2021

Revista Maçônica

O SEGREDO MAÇÔNICO E O TROLHAMENTO:

ASPECTOS TEÓRICOS E PRÁTICOS



◆ A simbologia dos Cavaleiros Templários
na bandeira da cidade de São Paulo ◆





O mundo tem passado por grandes provas, muitas vidas foram perdidas e outras destruídas pelas consequências da pandemia de Covid-19. Estamos reaprendendo a viver em sociedade e, a cada dia em que acordamos é uma vitória rumo à nossa sobrevivência e à sobrevivência do nosso planeta. Graças ao Grande Arquiteto do Universo, essa fase está passando e já estamos conseguindo realizar sessões em loja, desde que os irmãos se sintam seguros para tal, sem imposição ou obrigatoriedade por parte da Glesp, deixando a critério das oficinas a decisão de voltar ou não aos trabalhos presenciais nesse momento.



Infelizmente, não é apenas o novo coronavírus que tem tentado atrapalhar os andamentos na nossa querida instituição. Além de enfrentar todos os desafios da pandemia como toda a humanidade, eu, particularmente, passei por muitas provas e humilhações recentemente. Tentaram macular minha honra, meu caráter, minha figura como homem, pai de família, esposo e maçom. Minha família foi magoada e sofreu comigo as maiores injustiças.

Saber que dentro de nossa Ordem existem homens de moral e caráter tão degradantes foi a maior decepção da minha vida. Fui alvo da mais sórdida vingança jamais vista dentro da Glesp, única e exclusivamente pela sede de poder a qualquer custo. Tudo porque não souberam reconhecer a vontade da maioria nas urnas, não respeitaram a irmandade, a família maçônica e muito menos a honra de um homem e de sua própria família.

Meu direito de defesa foi cerceado, trataram-me pior do que a um marginal, e a máxima "todo mundo é inocente até que se prove o contrário" simplesmente não existiu em relação à minha pessoa. Afastaram-me das atividades de Grão-Mestre, sem sequer ouvirem o que eu tinha a dizer, e eu não podia nem pisar na calçada da Glesp.

Em nenhum momento, essas pessoas desprovidas de caráter pararam para pensar no que estavam fazendo com a vida de um homem e de sua família, não se colocaram em meu lugar, nem no lugar da minha esposa e dos meus filhos. Almejavam a todo custo apenas, apenas o cargo de Grão-Mestre.

Pergunto-me: se foram capazes de tentar destruir a vida de um ser humano, o que fariam estando à frente de uma Potência como a Glesp?

A cada processo movido contra mim, estou apresentando provas, testemunhas e documentações fundamentadas, mostrando que toda essa sujeira teve como principal objetivo me afastar do Grão-Mestrado e colocar em meu lugar seres cujo valor se mede pela conta bancária e pela vaidade. Falsos maçons que querem ocupar um cargo cuja verdadeira finalidade é defender a Ordem, trabalhar pela moral e lapidação do caráter dos homens, servir ao Criador, lutar por um país melhor, que abrigue seus cidadãos e dê igualdade de oportunidades para todos.

Continuo à disposição de qualquer indagação que queiram me fazer. Não tenho nada a temer, porque não fiz nada de errado, ao contrário desses inescrupulosos que querem chegar ao poder da Glesp para colocarem seus interesses particulares e sórdidos acima da integridade de nossa honrada Ordem.

De minha parte, continuarei trabalhando e provando que esses espectros nunca deveriam ter feito parte da Maçonaria. Assim como a pandemia, eles e tudo o que inventaram contra mim também irão passar.

Aos homens de boa vontade que, como eu, respeitam os preceitos maçônicos, seguem as leis do Grande Arquiteto do Universo e defendem a família com honradez e responsabilidade, digo que estarei aqui, de peito aberto, trabalhando e comprovando o meu caráter e o respeito que tenho pela Ordem.

O que me fortalece é minha fé no Grande Arquiteto do Universo, o amor e o respeito de minha família e o apoio daqueles que escolheram ficar ao lado da verdade.

Um fraternal abraço!

Grão-Mestre João Xavier

◆ EXPEDIENTE ◆



A Verdade

Publicação bimestral da Grande Loja Maçônica do Estado de São Paulo (Glesp)

Fundador

Irmão Francisco Rorato (1911-1983)
Loja Prudente de Moraes, 5

Administração

Grão-Mestre João Xavier
Loja Manchester Paulista, 413
Oriente de Sorocaba

Conselho Editorial

Antonio Soares da Fonseca Junior (L. 551)
Descartes de Souza Teixeira (L. 10)
Ezivaldo Lins de Araújo (L. 124)
Ricardo Mário Gonçalves (L. 10)
Samir Nakhle Khoury (L. 141)
Samir Cury (L. 857)
Valdemar Sansão (L. 726)

Editor e Jornalista Responsável

Vagner Apinhanesi (MTb: 41.856-SP)

EDIÇÃO DIGITAL

Assinatura

Seis edições bimestrais: R\$ 106,15

REVISTA A VERDADE

Rua São Joaquim, 138
Liberdade - São Paulo - SP
CEP: 01508-000
Tel: (11) 3207-8399

E-mail: averdade@glesp.org.br
www.glesp.org.br

Atenção: Os colaboradores das revistas A Verdade e Grande Loja em Destaque, que enviam informações, textos, fotos e imagens, são responsáveis pela autoria e originalidade do material enviado às revistas e pela obtenção de autorização de terceiros para a devida utilização, quando necessária, respondendo, assim, por qualquer reivindicação que eventualmente venha a ser apresentada às revistas em relação aos direitos intelectuais e/ou direitos de imagem. Os colaboradores das revistas da Glesp são voluntários e não recebem remuneração pelo trabalho cedido às publicações. Os artigos assinados não refletem, necessariamente, o pensamento da direção ou do editor das revistas. Não devolvemos originais não publicados.





O segredo maçônico e o trolhamento: aspectos teóricos e práticos

A Maçonaria é secreta! Já início o texto dessa forma mostrando-me contrário àqueles que afirmam que a Maçonaria é discreta. Inclusive, com todo o respeito a esses irmãos que assim o afirmam, acredito que tal pensamento reflete a possibilidade de se legalizar ou amenizar o perjúrio.



4
Capa

Fraternidade e Solidariedade: conceitos para uma boa convivência em sociedade

Incessantemente devemos buscar a fraternidade solidária interna. Esse sentimento deve ultrapassar as paredes de nosso templo, pois somente assim teremos certeza que, como maçons, cumprimos nossa missão.



10



32

O Homem Adâmico, o Mito da Caverna e a Maçonaria

Símbolos mitológicos formulam conceitos sobre a natureza do universo e do homem; comunicam esses conceitos sob a forma de mitos, e essa comunicação, com sua vividez, ajuda a instruir e lembrar.



14

Breve explicação sobre a Maçonaria

Uma das correntes mais usuais sobre o aparecimento da Maçonaria é de que as caravanas de mercadores que iam ao Oriente pela Rota da Seda e para Jerusalém levavam sempre profissionais especializados para a construção de estradas, templos etc.

As Pedras e o Templo

O tilintar do malho no cinzel nos desvencilha dos defeitos e paixões através de uma educação liberal e virtuosa, proporcionando-nos autodomínio e aperfeiçoamento moral.



18



36

A simbologia dos Cavaleiros Templários na bandeira da cidade de São Paulo

Muitos talvez desconheçam as curiosidades existentes por trás da história da cidade de São Paulo e o significado da cruz da Ordem de Cristo estampada em sua bandeira. A cruz é herança direta da Ordem dos Cavaleiros Templários.



20

Eu abro e fecho a loja, e você?

Minha loja foi aberta. Procuo emanar sentimentos fraternos, paz, harmonia e sabedoria. Mas quando os trabalhos forem encerrados, fecho minha loja, pois meu Corpo Templo agora está carregado de energias positivas e de bons fluidos emanados por meus irmãos.

Crítica e Oratória

A crítica é o caminho adequado para o aprimoramento dos nossos desempenhos, através da correta abordagem dos méritos e deméritos. Embasá-la em uma oratória calcada em um planejamento organizacional e didático é fundamental.



24



38

O peregrino

Conforme o destino final ia se aproximando, percebia o quanto tinha aprendido e o quanto aquele companheiro que estava ao meu lado me dava segurança fato este que me fez pensar que nunca estamos sozinhos.



30

Hoje acordei cedo

Saí porta a fora, senti uma brisa fresca me acariciando, certamente dando um bom-dia, sabia ela que hoje, um dia especial, devia ser bem comemorado, bem aproveitado. Dia de rever nossos queridos e valiosos irmãos.

O SEGREDO MAÇÔNICO E O TROLHAMENTO:

ASPECTOS TEÓRICOS E PRÁTICOS¹

Irmão José Tito de Aguiar Junior

Loja Filhos de Osíris, 30

Oriente de São José do Rio Preto

A Maçonaria é secreta²! Já inicio o texto dessa forma mostrando-me contrário àqueles que afirmam que a Maçonaria é discreta. Inclusive, com todo o respeito a esses irmãos que assim o afirmam, acredito que tal pensamento reflete a possibilidade de se legalizar ou amenizar o perjúrio. É mais fácil justificar e cometer perjúrio quando a Maçonaria é discreta ao invés de secreta, pois, assim, o irmão indiscreto pode selecionar, dentro de sua conveniência moral (se é que há moral em ser perjuro!), o que é secreto e o que é discreto, falando sobre o que quiser a amigos, família etc.

Afirmar que a Ordem Maçônica é discreta e não secreta, reitero, é amenizar o perjúrio cometido ou a cometer, pois, assim, algo poderia ser dito e o que “eu disse” não pode ser visto como perjúrio, já que a Ordem é discreta e não secreta.

A Maçonaria ordena juramento de silêncio/segredo quando do recebimento de qualquer Grau Simbólico. Vejam que antes de qualquer outro compromisso a ser assumido, o candidato, Aprendiz e Companheiro, nas respectivas Cerimônias de Iniciação, Elevação e Exaltação, juram segredo ao que lhes será confiado. Não juram serem discretos, mas sim, juram nada revelar.

Ao final de cada sessão é feito juramento de silêncio sobre o que lá se passou. Não é dado ao irmão o direito de escolher se jura, ou que jura segredo sobre determinado fato e que jura ser discreto quanto a outro ponto. É ato compulsório. É obrigatório. O maçom jura nada dizer. Ele promete um voto de silêncio.

Nada que envolva assuntos da Ordem pode ser relevado e comentado. Se existem livros, revistas etc., que descaradamente informam os segredos da Ordem, não cabe ao maçom tornar relativo seu compromisso de sigilo. Que sofram as penas os que são perjuros. Mas que não se desdenhe do juramento prestado e não se torne discreto o que é secreto.



Feitas as considerações iniciais, cabe afirmar que dentro dos segredos maçônicos os mais relevantes são os de identificação. Tornam-se relevantes, inicialmente, pelo seu caráter histórico, haja vista que desde a época das guildas de construtores medievais o segredo da arte era velado, somente conhecendo-o aqueles que subiam na hierarquia do conhecimento da construção. Também existiam meios de se aferir se o viajante recém-chegado ao canteiro de obras era realmente um pedreiro ou um impostor³.

Quando a Maçonaria passou a ser perseguida pelo clero, monarquias e oligarquias dominantes, a proteção dada pela Ordem a seus membros, em que um se identificava com outro e todos se protegiam mutuamente, se tornou questão de vida ou morte. Os sinais empregados naquele tempo não somente permitiam a troca de informações, mas também a manutenção da vida do irmão em perigo. Os Filhos da Viúva se ajudavam pois sabiam que o que pensavam deveria ser difundido e protegido.

Hoje, a identificação maçônica se banalizou. Há memes (imagens ou vídeos de humor) na internet em que um irmão pergunta a outro “Sois Maçom”, e o outro responde “Sois, sim!”. Ninguém mais segue a liturgia de identificação como deveria ser seguida. O banalizado cumprimento “Tudo Justo e Perfeito?” e a resposta (já manjada na internet) se tornou forma de se conferir, “sem sombra de dúvida”, que o interlocutor é membro da Ordem.

Anos atrás, ouvi de um irmão que o Sinal de Socorro ele desconhecia, pois se precisasse de ajuda se

socorreria do adesivo com o escudo maçônico no carro ou de mensagem no grupo de WhatsApp. Essa perda de conceitos faz com que a Ordem, infelizmente, passe a ser, cada vez mais, uma associação comum, quando não é.

É a partir da liturgia e ritualística que a Maçonaria se difere das demais associações existentes. É a partir do entendimento de que precisamos estudar, refletir e entender o que vemos e ouvimos que deixamos de ser uma ordem mística (como querem os irmãos que simplesmente criam misticismo onde não tem) para uma entidade de crescimento intelectual, melhoria contínua pessoal e ajuda, conseqüente, à sociedade.

O maçom deve (veja: deve é diferente de pode ou se quiser) saber, decorado, o Trolhamento⁴ de todos os Graus (especialmente os Simbólicos). Isso começa “de berço”.

Forçar que o Aprendiz o decore, retirá-lo do templo, fazê-lo entrar com formalidades, retirá-lo novamente se errou, ajudá-lo no que precisa, indicar para ele um tutor que o oriente⁵ etc., e repetir tudo isso enquanto Companheiro e depois de Exaltado a Mestre é um compromisso da loja⁶ para com todo o irmão.

Somente assim é que o irmão poderá circular livremente pelo universo das lojas, sem constrangimento, sem medos, sem a necessidade de estar acompanhado por um irmão que conheça outros irmãos.

Mas o que vem a ser o Trolhamento? Do que se trata e como ele deve ser executado?

Para muitos é o questionário contido em cada Ritual. Não. É mais que isso.

Para tanto, nos valeremos dos Rituais dos Graus Simbólicos em vigor⁷. O texto padrão, que contextualizado o Trolhamento, evidencia que ele não se trata somente do questionário inicial, mas sim de um conjunto complexo de procedimentos e verificações que deve ser adotado pela loja e conhecido pelos irmãos. Veremos aqui cada um deles.

Inicialmente, antes mesmo do Trolhamento propriamente dito, a Potência determina que o visitante apresente os seus documentos de regularidade em perfeita ordem. Nada mais correto. O maçom deve ser regular para visitar outra loja. Não se há de admitir maçons irregulares ou que pertençam a Potências não reconhecidas.

É por isso que, antes de qualquer procedimento ritualístico, o maçom visitante se identifica apresentando seus documentos de regularidade. Por meio dele, a loja que o recebe saberá informações mínimas, a exemplo de nome, loja a que pertence, grau etc. Em algumas Potências, aplicativos “leem” o cartão de identificação e confirmam se aquele visitante tem direito de participar dos trabalhos da loja visitada.

Quanto aos documentos de regularidade, é importante afirmar que eles precedem (antecedem) o Trolhamento. Por mais que o maçom visitante saiba todos os pontos do Trolhamento, entendemos que, se não estiver de posse de seus documentos de regularidade, ele não pode ser admitido em loja. A justificativa é que o Ritual afirma que o maçom deve estar com os documentos de regularidade e (não ou!) saiba o Trolhamento. Primeiro se identifica pelos documentos. Se estiver tudo correto ele segue para o Trolhamento.

Nesse ponto, vale afirmar que, pelo texto dos Rituais, o maçom somente deixa de responder ao Trolhamento caso algum irmão⁸ do quadro o garanta. Entretanto, novamente pela análise textual dos Rituais, entendo que o irmão visitante se identifica com seus documentos de regularidade e, somente depois, pode ser garantido.

Entendo que o Mestre Maçom não pode garantir o visitante se ele não apresentar os documentos de regularidade em ordem⁹. Isso é óbvio: posso conhecer o irmão visitante, ter visitado a loja dele anos atrás, saber que é Mestre, mas não posso afirmar se ele se encontra como membro ativo de sua loja/potência e devidamente regularizado.

Feita a identificação documental, o visitante passa, então, pelo Trolhamento. Nesse ponto, os Rituais deixam claro, como afirmamos acima, que o Trolhamento não corresponde somente ao questionário. O texto é claro. O Trolhamento compreende os Sinais, Toques, Palavras e Palavra Semestral! O questionário é uma parte do Trolhamento executada pelo Venerável Mestre da loja.

É muito comum argumentos de que o Trolhamento deve ser executado pelo Cobridor. Concordamos em parte. O Cobridor, como responsável pela entrada do templo do lado externo, pode obter do visitante os Sinais, Toques, Palavras e Palavra Semestral, mas não a resposta do questionário do Grau correspondente.

Novamente justificamos isso pelos Rituais que, à frente de cada pergunta, colocam a abreviatura “Ven.:", correspondente ao mandatário da Oficina e não a qualquer outro cargo.

Se a Potência, analisando o Ri-

tual do Rito, quisesse que o questionário fosse tomado por qualquer outro Oficial, assim teria manifestado, mas não o fez, ao menos nada disso é encontrado nos Rituais e no Ritual de Práticas Ritualísticas¹⁰.

O Cobridor (ou qualquer outro cargo na loja designado para tanto) identifica o visitante pelos Sinais, Toques, Palavras e Palavra Semestral. No caso da Palavra Semestral, vale um comentário: entendo que ela seja uma resposta classificatória, se positiva, mas nunca eliminatória. Isso porque a Palavra Semestral pode, a depender da Potência, ser diferente uma da outra. Sendo assim, não se pode tolher o direito de ampla visitação e assento em loja de irmão que tenha sua Palavra Semestral diferente da loja anfitriã.

Abertos os trabalhos ritualísticos da loja, no momento e formas previstas nos Rituais, o visitante é convidado a entrar. A entrada, por óbvio, é com formalidades. Fechada a porta, o visitante marcha, fica entre Colunas e saúda, na forma de costume, as Luzes da loja.

Ainda compondo o S.: de Ord.:, o irmão visitante responde às perguntas do questionário realizadas, reitero, pelo Venerável Mestre, tal qual previsto nos Rituais em vigor; em seguida, executa a marcha dos Graus subsequentes, caso a loja esteja trabalhando em graus superiores ao de Aprendiz Maçom. Tendo respondido corretamente, é conferido a ele assento. Caso contrário, é retirado do templo e seu acesso é cerceado.

Quanto ao questionário, vale afirmar que responder diferente, mas no mesmo sentido do que é perguntado, não é correto. A forma das respostas, diferente da conversação corriqueira, é exatamente um “trava-línguas” e uma forma de saber se o visitante sabe o correto ou, somente, obteve resposta buscando na internet, incluindo uma palavra que “quer dizer a mesma coisa”, mas não é a prevista nos Rituais. As respostas devem ser exatas.

Nós, maçons, devemos zelar pelas Antigas Tradições. Particularmente,

vejo o Trolhamento como um elogio ao visitante e para a loja visitada. De um lado, o irmão trolhado mostra como sua loja segue os “antigos costumes” e ensina seus membros; do outro, a loja visitada demonstra que não cede aos costumes deletérios que somente nos enfraquecem e nos transformam, cada vez mais, em uma associação como qualquer outra, quando, em verdade, somos mais que isso.

O Trolhamento evidencia o segredo maçônico sendo perpetuado, ao invés de atenuado. É isso que o verdadeiro maçom deve buscar. ◆

Anotações:

01 - A interpretação dos Rituais neste artigo é feita de forma individual, a partir da análise dos textos, sendo opinião pessoal do autor;

02 - “Na organização da Maçonaria Universal, o Segredo possui vital importância, pois se propõe a derramar a Luz e, sob a honra dos seus aderentes, exige segredo de tudo o que a ela se refere.” (D`Elia Junior, Raymundo, *Maçonaria: 100 instruções de aprendiz*, Ed. Madras, 2017, p. 14);

03 - “Maçons e não Maçons da mesma maneira explicaram a necessidade de cumprimento e sinais secretos, afirmando que os pedreiros medievais eram trabalhadores itinerantes, que viajavam de um serviço num castelo para a construção de uma catedral, conforme o serviço estivesse disponível. Por não terem base permanente como

outras guildas, precisariam de sinais secretos com os quais se identificar uns aos outros para manter seu monopólio fechado.” (Robinson, John J., *Nascidos do sangue: os segredos perdidos da Maçonaria*, Ed. Madras, 2005, pp. 185/186).

04 - Entendo que o termo correto seria Telhamento e não Trolhamento. Telhamento vem de “destelhar”, descobrir, por a descoberto. Independentemente disso, seguindo o que afirma ser o correto pelos Rituais dos Graus Simbólicos manteremos o termo Trolhamento.

05 - Vale afirmar que o tutor deve ter o conhecimento necessário. De nada adianta criar mais dúvidas do que soluções na cabeça do irmão.

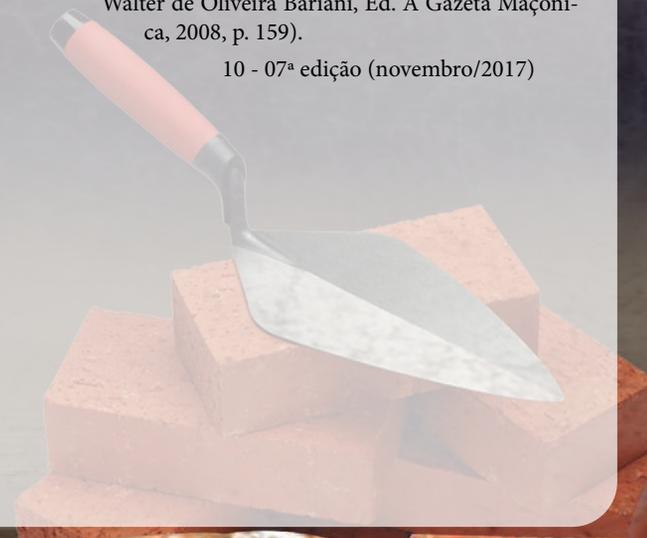
06 - A documentação expedida pela Potência de onde se origina, a Palavra Semestral, enfim, há toda uma gama de atitudes para aferir essa regularidade, contudo, o Trolhamento não deve ser utilizado apenas junto aos visitantes, mas também periodicamente, para aferir os conhecimentos dos membros da loja (*Rito Escocês Antigo e Aceito – Prática Ritualística, Liturgia e outras questões*, Walter de Oliveira Bariani, Ed. A Gazeta Maçônica, 2008, p. 161).

07 - O Trolhamento tratado neste artigo é o do R·E·A·A·, por óbvio da Grande Loja Maçônica do Estado de São Paulo. Sendo assim, os Rituais mencionados são os de Aprendiz (11ª edição – novembro/2016), Companheiro (08ª edição – novembro/2017) e Mestre (08ª edição – novembro/2017).

08 - Importante evidenciar que entendemos que somente Mestres Maçons podem garantir um visitante, já que Aprendizes e Companheiros não têm, ainda, a plenitude de direitos, inclusive o de garantia.

09 - “No entanto, nenhum visitante será admitido em loja sem que antes apresente ao irmão Cobridor Externo ou, em sua falta, ao irmão Mestre de Cerimônias, os documentos que comprovem sua condição de maçom e sua regularidade maçônica” – (*Rito Escocês Antigo e Aceito – Prática Ritualística, Liturgia e outras questões*, Walter de Oliveira Bariani, Ed. A Gazeta Maçônica, 2008, p. 159).

10 - 07ª edição (novembro/2017)



FRATERNIDADE E SOLIDARIEDADE:

CONCEITOS PARA UMA BOA
CONVIVÊNCIA EM SOCIEDADE

Irmão Sergio Medeiros Licinio

Loja Liberdade, União e Sabedoria, 732 - Oriente de São Paulo

Este trabalho de Aprendiz Maçom é uma coletânea dos ensinamentos das primeiras instruções. Somado à simbologia da construção do templo maçônico, temos uma descrição de princípios que, se bem usados e fundamentados, permitem uma boa convivência em sociedade.

Ensina o 2º Vigilante que a solidariedade maçônica é fundamentada em laços que fortalecem nossa fraternidade. Como interpretar essa afirmação? Para tal, tentemos entender o que é fraternidade e solidariedade.

Fraternidade é um termo oriundo do latim, *frater*, que significa irmão. Por esse motivo, fraternidade significa parentesco entre irmãos. A fraternidade universal designa a boa relação entre os homens, em que se desenvolvem sentimentos de afeto próprios dos irmãos de sangue. Solidariedade é um ato de bondade para com o próximo ou um sentimento, uma união de simpatias, interesses ou propósitos entre os membros de um grupo.

Onde os termos se fundamentam? Por exemplo, como nome de um “clube interno”, que associado a uma letra grega, em universidades americanas, tem por princípio a ideia de vivência fraternal dentro do microuniverso escolar.

Também no escotismo (organização do qual participo há 15 anos) que, baseado em princípios básicos de moral, cidadania, civilidade e patriotismo, prega uma vida livre de vícios e a formação de um jovem que seja exemplo de caráter e solidariedade na comunidade.

No Brasil, a Campanha da Fraternidade da igreja católica, por exemplo, cujo objetivo é induzir a população a pensar solidariamente sobre alguns temas da realidade social brasileira.

E na Maçonaria, como ficamos?

Vivemos uma época ímpar. O mundo passa por uma revolução sociopolítica-cultural que tem reduzido qualquer discussão sempre entre certo ou errado. A possibilidade da discórdia em qualquer ponto cria animosidades que nos remetem a uma falta de respeito ao próximo só vista em eras passadas, quando a justiça dependia somente de um pequeno grupo de poderosos.

Durante a revolução francesa, o slogan associou, eternamente, a palavra fraternidade aos termos igualdade e liberdade. A França vivia época de tirania com monarcas e Igreja associados em um regime que mantinha o povo dominado pelo terror e opressão. Só existia solidariedade entre iguais.

Essa revolução iniciou a transformação dessa época de regime absolutista em outro, em que o povo passaria a ser a figura mais importante do Estado e culminou com a primeira Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão de 1789, usada como base para a atual Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948. Criada na ONU após a Segunda Guerra Mundial, foi fundamentada inicialmente na fraternidade, como se pode confirmar na primeira diretriz: “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. Dotados de razão e consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade”.

Note que se impõe a palavra “devem”, e não a palavra “podem”. Então a fraternidade não é facultativa, e sim obrigatória.

No lema imortalizado, temos a sequência: “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”. Mas não considero essa a forma mais correta de escrever.

Creio que a fraternidade deveria ser a primeira palavra da frase. Ela é a base que permite as outras duas, pois fraternidade não pode ser compulsória. A fraternidade não se estabelece com uma lei, nem

se impõe por decreto. Vem de uma vontade pessoal de prestar solidariedade com responsabilidade. A igualdade pode ser imposta, a liberdade pode ser concedida, mas a falta de fraternidade enseja a supressão de liberdade e, conseqüentemente, criam-se desigualdades. Fraternidade inibe privilégios e produz uma sociedade solidária de fato e de direito.

Um princípio naturalmente religioso, a vida em fraternidade teve como seu maior expoente cristão o filósofo, teólogo e escritor Agostinho de Hipona, conhecido como Santo Agostinho, que viveu entre 354 e 430 d.C.

Um *bom vivant* da época, adepto de tudo que fosse carnal e pecaminoso, aos 32 anos de idade, em uma crise existencial, alterou completamente seu estilo de vida. Iniciou um processo de reestruturação de pensamento, que o levou a se tornar um dos mais influentes disseminadores do Cristianismo da inicial Era Cristã.

Dentro desse processo de conversão pessoal, estudou diversas vertentes e escreveu diversos trabalhos que são até hoje de grande valia para estudos teológicos. Dentre estes trabalhos está um livro chamado *Confissões*, uma autobiografia dando ênfase exatamente à conversão.

O modo como ele encontrou para redimir-se dos pecados de sua vida mundana foi através da fraternidade e solidariedade. Dentre muitos de seus conceitos filosóficos, a solidariedade fraternal foi colocada como a principal forma de vivência em paz, equilibrada e afetuosa, que permitiria que todos se sentissem irmãos (isso nos lembra de alguma ordem conhecida?).

Foi um distribuidor de paz, bons conselhos e bons fluidos. Seus escritos semearam essas convicções e buscaram eliminar os males que escurecem a alma. Dizia que após isso, sobraria somente a melhor, mais lúcida e mais feliz parte do ser humano.

Exatamente as mesmas diretrizes que buscamos, no nosso desbatar constante da Pedra Bruta. Estudando seus ensinamentos e lendo um pouco sobre suas obras, deparei-me com uma frase que demonstra o verdadeiro espírito empreendedor da bondade e, talvez, a frase mais maçônica que tive oportunidade de ler em todos os estudos que fiz desde a minha aceitação nessa Augusta Ordem: “O principal bem de doação é o espírito bom e cooperativo. Este sim, vale ao necessitado, mais que a própria esmola”.

É latente a importância da bondade fraterna na vida humana, pois quase todas as vertentes religiosas e filosóficas tratam diretamente desse tema, como se pode perceber nos exemplos a seguir.

Bramanismo: “Não faças nada a outrem que te causaria dor se fosse feito a ti”.

Budismo: “Não ofendas os outros por formas que julgarias ofensivas a ti mesmo”.

Taoísmo: “Considera o ganho do próximo como teu próprio ganho e a perda do próximo como tua própria perda”.

Islamismo: “Nenhum de vós sois um crente, a menos que desejeis para o vosso irmão o que desejais para vós mesmos”.

Cristianismo: “Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo”.

Todas tratam exatamente do convívio em sociedade. Na aceitação das diferenças.

Isso estudado, entendemos então porque essa mesma instrução que trata de fraternidade e solidariedade traça também linhas sobre ajuda entre irmãos. Juramos nos ajudar, desde que o irmão seja honrado e lícito.

A coletividade maçônica, diferentemente da coletividade profana, é virtuosa. Busca-se a verdade sempre com tolerância e discernimento. Essa é a uma regra da comunhão do grupo, e acredito que

um dos pilares da longevidade da Ordem.

A vida em sociedade é difícil. Somente através da evolução da consciência individual é que se conseguirá uma transformação no mundo.

A convivência semanal extrai o que de melhor existe dentro de cada indivíduo. Sempre saímos melhor do que chegamos. Assim alcançamos a plenitude do prazer da convivência em loja. Devemos trabalhar para que o coletivo profano, um dia, alcance o prazer da convivência que sentimos entre nós: o espírito puro da solidariedade humana.

Em nossa Cadeia de União, com braços entrelaçados e mãos dadas, repetimos por três vezes as palavras Saúde, Sabedoria e Segurança. Estas palavras refletem um sentimento fraternal que sintetiza tudo o que ansiamos para nós e aos outros a cada encontro. Essa é a egrégora perfeita!

Incessantemente devemos buscar a fraternidade solidária interna. Mas ao fim, esse sentimento deve ultrapassar as paredes de nosso templo. Somente assim teremos certeza que, como maçons, cumprimos nossa missão, tão bem talhada nas falas do irmão Chanceler: tornar feliz a humanidade pelo amor, pela igualdade e pela tolerância, disseminando o espírito fraternal na sociedade profana.

E enxergo essa como a nossa principal missão! ◆

Fontes

Ritual do Aprendiz Maçom 11ª edição

Revista Universo Maçônico de junho de 2010 e abril de 2011

Livro Digital: *As confissões de Agostinho*, capítulo 11 – Digitalização de Lucia Maria Csernik, de 2007

Site: <https://cruzterrasanta.com.br> (Acesso em 14/03/2019)

Site: <http://alterchristuscomunidade.blogspot.com> (Acesso em 14/03/2019)

Site: <https://www.infoescola.com> (Acesso em 13/03/2019)

Site: <http://www.osservatoreromano.va/pt> (Acesso em 14/03/2019)



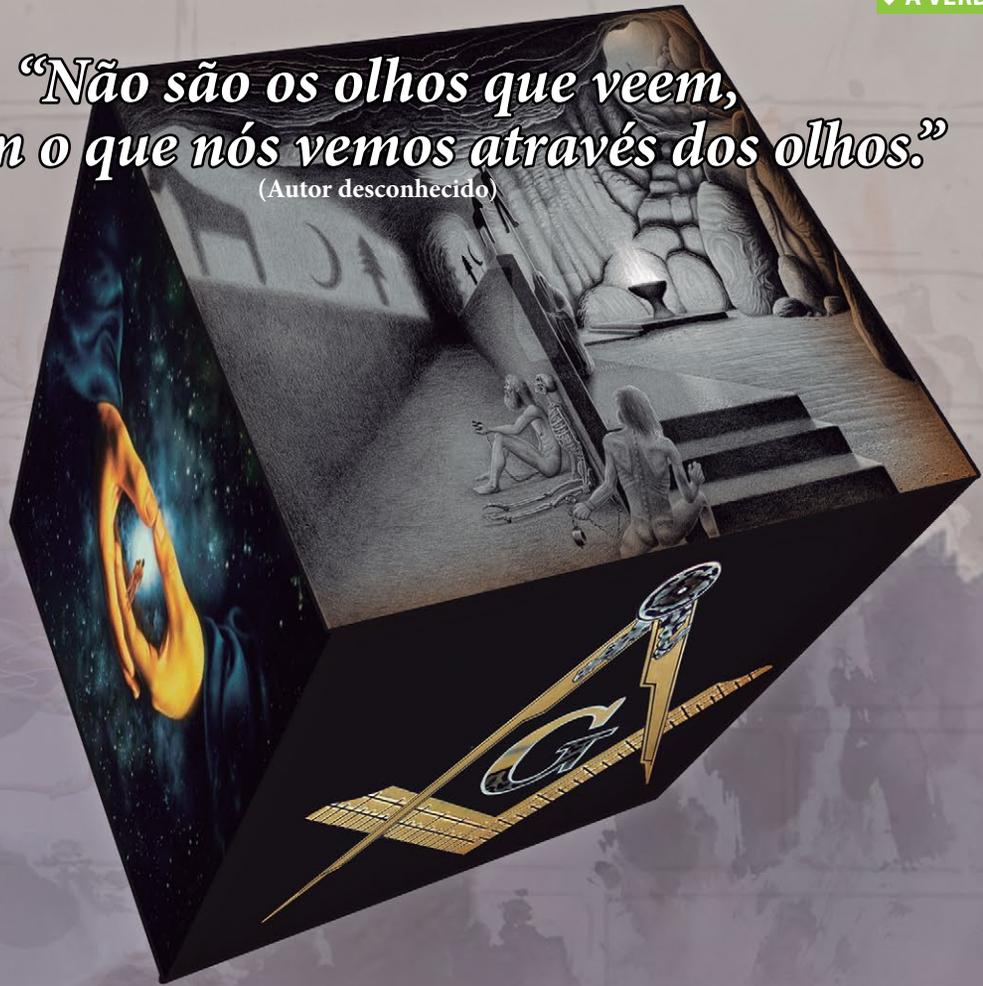
O HOMEM ADÂMICO, O MITO DA CAVERNA E A MAÇONARIA

Irmão Antônio Carlos Gonçalves Fernandes

Loja Cavaleiros do Alto Tietê, 439 – Oriente de Mogi das Cruzes

*“Não são os olhos que veem,
mas sim o que nós vemos através dos olhos.”*

(Autor desconhecido)



Criar e usar símbolos são funções básicas e naturais da mente humana. Essas funções se manifestam na religião, na arte, na conversa comum e na ciência. Sem símbolos, ou sem simbolizar, não podemos pensar sequer sobre a nossa consciência de simples relações físicas ou expressá-las.

A função humana de simbolizar é essencial à atividade da fase subconsciente da mente. A compreensão de si mesmo e do não Eu é expressa por símbolos; ao usarmos tais símbolos, estamos também ajudando a aprofundar a nossa compreensão. Os símbolos são um produto da compreensão e um valioso e eficaz recurso para a mesma.

A percepção e a memória dependem parcialmente da simbolização. Símbolos mitológicos formulam conceitos sobre a natureza do universo e do homem; comunicam esses conceitos sob a forma de mitos, e essa comunicação, com sua vividez, ajuda a instruir e lembrar.

A única maneira de o homem expressar sua consciência de impressões e experiências psíquicas e místicas é pela simbolização. Símbolos de harmonização, iluminação e união mística são usados para fins de meditação.

Vemos, portanto, que os símbolos cumprem diversas finalidades psicológicas essenciais na nossa vida em geral e, em particular, no nosso desenvolvimento.



Platão expôs o Mito da Caverna no Livro VII de *A República*. Esse mito possui a forma de um diálogo imaginário, do qual participam o filósofo Sócrates e os irmãos de Platão, Glauco e Adimanto. Esse mito é exposto como um retrato da ignorância humana e deve ser encarado como a metáfora da nossa vida.

Diante das ideias que surgem através do estudo desse mito, deseja-se refletir sobre a ocasião em que fomos iniciados maçons.

Imaginemos que antes de entrarmos na Maçonaria éramos prisioneiros, acorrentados desde o nosso nascimento numa profunda e escura caverna.

Na Iniciação, a venda sobre nossos olhos simbolizava, filosoficamente, o estado de ignorância do iniciando, ou a cegueira perante o verdadeiro mundo ou, ainda, a incapacidade de perceber a “Verdadeira Luz”.

A corda em torno do corpo representa e simboliza o estado de escravidão do profano às suas paixões, erros e faltas em que ele se encontra nas trevas do mundo vulgar. Significa, ainda, os “pré-conceitos” que estão enraizados no homem profano, seu desejo de libertar-se de tudo isso, a sua capacidade de livrar-se da escravidão, a sua vontade de enfrentar as provas da vida, vencendo obstáculos em busca de uma vida melhor, digna e elevada.

Bem parecido com o sentimento do prisioneiro da caverna, que estava preso em seu mundo, mas querendo se libertar à procura do mundo fora da caverna. Lembrando que a nossa primeira prova foi a prova da caverna, onde fomos levados a pensar a respeito de muitas coisas, inclusive de nossa vida, nossa morte e, simbolicamente, do nosso nascimento para a Maçonaria. Seria o mesmo que estarmos nos libertando do

O mito da caverna é uma metáfora da condição humana perante o mundo, no que diz respeito à importância do conhecimento filosófico e à educação como forma de superação da ignorância, isto é: a passagem gradativa do senso comum, enquanto visão de mundo e explicação da realidade para o conhecimento filosófico, que é racional, sistemático e organizado, que busca as respostas não no acaso, mas na causalidade.

mundo profano ou saindo da caverna.

As provas que passamos também podem representar nossa subida até a superfície, nessas sábias palavras de Sócrates: “se forem libertados das suas cadeias e curados da sua ignorância. Que se liberte um desses prisioneiros, que seja ele obrigado a endireitar-se imediatamente, a voltar o pescoço, a caminhar, a erguer os olhos para a luz: ao fazer todos estes movimentos, sofrerá, e o deslumbramento impedi-lo-á de distinguir os objetos de que antes via as sombras”.

Assim, quando o Venerável e os Vigilantes pediram a Luz, e a Luz nos foi concedida, somente enxergávamos o vulto dos irmãos que estavam prontos a nos receber e nos acolher.

Tal como na caverna, se o prisioneiro voltar para contar como é o mundo lá fora, ficará desacreditado pelos outros prisioneiros, isso acontece com os maçons que muitas vezes são questionados por pessoas ignorantes que não sabem o que acontece na Maçonaria, mas isso faz parte do nosso aprendizado

As pessoas que estão na caverna somos todos nós, isso porque damos muito mais atenção às imagens do que àquilo que a realidade é. Estamos “lá dentro olhando uma parede, vendo sombras e acreditando que elas são reais” (José Saramago – escritor português Prêmio Nobel em Literatura em 1998).

Desde que foi escrita há cerca de 2.200 anos, essa alegoria tem servido de inspiração para muitas ideias e de pano de fundo para várias indagações referentes à realidade humana.

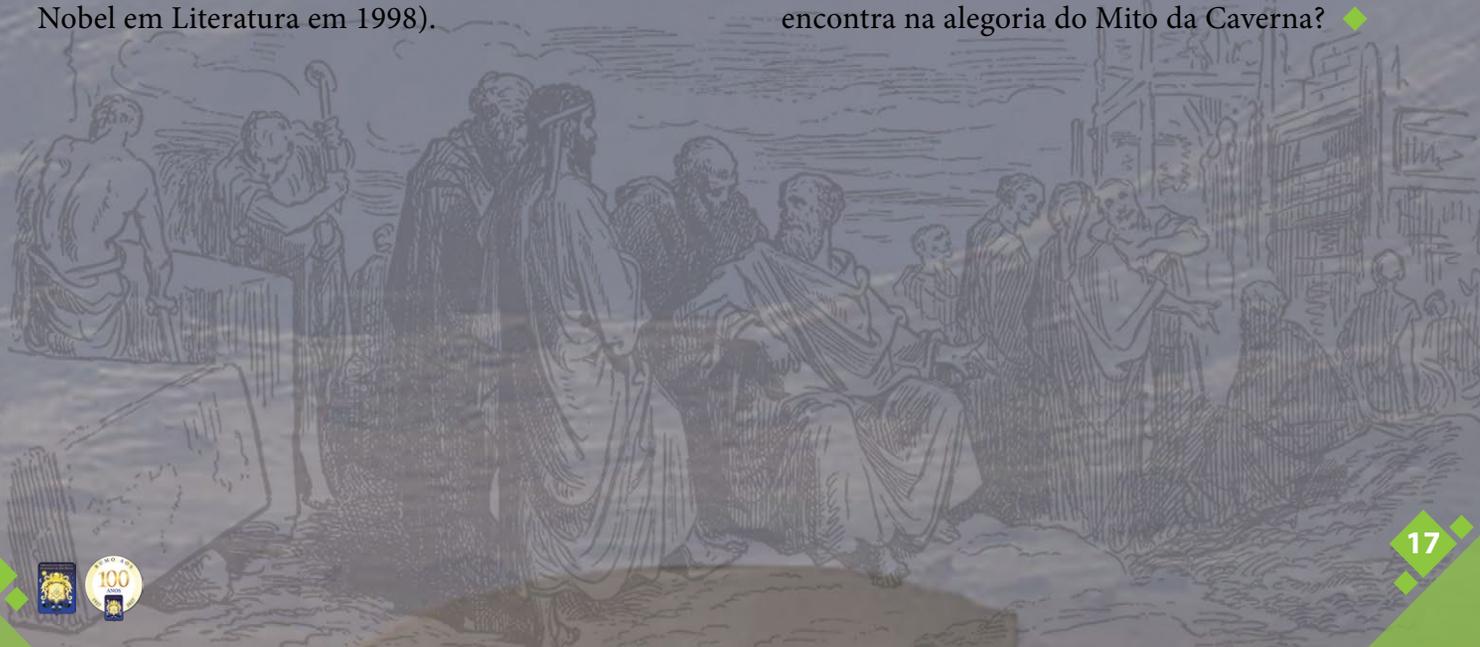
O homem que consegue se livrar dos grilhões é o filósofo, é o amante do conhecimento, é aquele que busca a eterna Verdade.

A sua viagem até a saída da caverna representa a ascensão da alma, ou seja, a prática das grandes virtudes, que através da dialética, sobe, como degraus, o conhecimento sensível até o inteligível e a contemplação das ideias.

O mundo exterior são as próprias ideias. O Sol, fonte da luz, no mito representa a ideia primaz da razão. Sócrates é como o próprio filósofo do mito, pois, segundo a história, ao tentar mostrar aos atenienses a verdade, foi por eles julgado e condenado à morte .

Dessa forma, o Mito da Caverna toma consistência na simbologia da Iniciação como sendo a Câmara de Reflexão, visto que, ao dela sair, há de conhecer a Luz e, ao voltar ao mundo profano, para instar os demais a saírem da escuridão, poderá ser tomado por louco e compelido à morte por seus antigos pares, dada a discrepância do conhecimento e da involução das sombras.

E você, caro irmão? Em que posição você se encontra na alegoria do Mito da Caverna? ◆



AS PEDRAS E O TEMPLO

Irmão Paulo Roberto Macagnani

Loja Solidariedade, 286 – Oriente de São Bernardo do Campo



Por definição, “Pedra” é material mineral; dura; sólida; natureza das rochas; e “Templo”, edifício público destinado ao culto religioso e, também, à reuniões maçônicas.

Confesso a você, leitor, ter sentido muita dificuldade na escolha deste tema, não porque não tivesse do que falar, mas porque havia muito do que falar. Entretanto, depois de muito meditar, lembrei-me de algo que me disseram: “Maçonaria não se aprende, mas sente-se”.

Procurei, então, dar sentido e sentir as alegorias e as parábolas maçônicas, iniciando pela Pedra Bruta. Assim, como maçom, sinto-me como uma pedra *in natura* que teve a ventura de ser recolhida, juntamente com um grande número de outras, de seu primitivismo próprio e trazida para esse imenso canteiro de obras, onde o cinzel, percutido pelo malho lenta, mas firmemente, apara-nos as rebarbas, eliminando nossas irregularidades, procurando dar-nos uma forma definida, de linha e de ângulos retos, até que o compasso, o esquadro e a régua demonstrem estarmos de acordo com as exigências da arte.

O tilintar do malho no cinzel nos desvencilha dos defeitos e paixões, através de uma educação liberal e virtuosa, proporcionando-nos autodomínio e aperfeiçoamento moral.

Ansiosamente luto para acelerar esse processo de preparação, pois sei que só

sairei desse grande canteiro de obras quando estiver pronto como Pedra Polida e poderei também fazer parte efetiva dessa imensa obra que é o Templo Maçônico.

É simples? Não, não é simples, pois não é simplesmente o “Templo” (espaço físico). É algo infinitamente maior, uma obra incomensurável, é o Universo e as pedras que o constituem, somos nós, os maçons, simbolicamente representados pela Pedra Polida, de superfícies polidas e de medidas exatas, unidas pela poderosíssima argamassa da fraternidade.

Cada um de nós, simbolicamente, é uma pedra diante dessa obra universal, todas com a mesma forma e acabamento, nada nos distingue uma das outras, o que demonstra muito claramente a equidade maçônica, representada simbolicamente pelo nível.

Apesar de nossa pequenez, diante da grandiosidade do Templo Maçônico, todos somos partícipes indispensáveis na integridade da obra, pois cada um de nós é responsável por uma parcela de sustentação de suas paredes, abóbada e colunas.

Reitero a todos nós, maçons, homens livres e de bons costumes, que podemos dar muito por essa obra infinita, símbolo da vida e da pesquisa da Verdade. E se um dia chegarmos a ser considerados Pedras Polidas, mesmo assim, ainda estaremos prontos a aparar as imperfeições que sempre nos hão de surgir.◆



A simbologia dos Cavaleiros Templários na bandeira da cidade de São Paulo

Irmão Nelson Gonçalves

Loja Aprendizes do III Milênio, 526 - Oriente de São José do Rio Preto

Muitos talvez desconheçam as curiosidades existentes por trás da história da cidade de São Paulo, a maior metrópole da América Latina, e o significado da cruz da Ordem de Cristo estampada em sua bandeira. A cruz é herança direta da Ordem dos Cavaleiros Templários. Os Templários, como muitos sabem, eram homens que pertenciam a uma organização que se tornou muito poderosa.

Por quase dois séculos – desde Hugo de Payens, o fundador da Ordem e seu primeiro mestre, em 1118, à morte de Jacques DeMolay, o último Grão-Mestre, queimado vivo em 1314 –, os Templários foram considerados grandes influenciadores da história. Por onde passavam ninguém hesitava em doar grandes quantidades de ouro, joias e até terras e castelos, todos destinados ao financiamento da defesa de seus ideais de proteger a ordem, a justiça e a liberdade.

Devido à grande contribuição que os Templários deram à Portugal, o rei Dinis se recusou a persegui-los. Após dialogar com o papa, estabeleceu-se uma nova Ordem para os Templários, obediente ao rei português. Surgiu, então, em 1319, a Ordem de Cristo. O emblema da instituição, a Cruz da Ordem de Cristo, que estampa hoje a bandeira da cidade de São Paulo, adornava as velas das caravelas e naus que exploravam mares desconhecidos.

Com certeza, muitos já devem ter observado em pinturas a chegada das caravelas da Ordem de Cristo nas terras tupiniquins. Um quadro do pintor Oscar Pereira da Silva, no Museu do Ipiranga, por exemplo, expõe uma das raras representações dos bandeirantes. O artista se inspirou numa gravura, datada de 1820, quando soldados bandeirantes travavam luta com índios de Mogi das Cruzes. Nas vestimentas ou à frente, lá estava o desenho da cruz vermelha da Ordem de Cristo.



Martim Afonso de Souza, oriundo de família nobre, assim como o navegante Pedro Alvares Cabral, era da Ordem. E foi designado, em 1530, pelo rei de Portugal, para chefiar a primeira expedição colonizadora enviada ao Brasil. Dois anos depois, Martim Afonso fundou a cidade de São Vicente, que elegeu a primeira câmara de vereadores durante a primeira eleição democrática das Américas. O nome da cidade foi uma homenagem a Vicente de Saragoça, um dos santos padroeiros de Portugal.

Incentivado por João Ramalho, náufrago que já habitava a região e que casou com Bartira, filha do cacique Tibiriçá, Martim Afonso liderou, junto a Brás Cubas (fundador das cidades de Santos e Mogi das Cruzes), as primeiras expedições dos bandeirantes, partindo do litoral para desbravar o

novo continente. Iam de barcos a remo, em busca de riquezas minerais, sobretudo o ouro e a prata. Antes disso, Brás Cubas, outro nobre da Ordem, fundou em Santos a Santa Casa de Misericórdia, a mais antiga instituição hospitalar em funcionamento do Brasil.

Chegaram até a nascente do rio Tamanduateí. Na região do planalto paulista, na aldeia de Piratininga governada por Tibiriçá, os padres jesuítas Manoel José da Nóbrega e José de Anchieta iniciavam naqueles tempos a construção de uma escola, que viria a ser posteriormente o pátio do colégio, ao lado da Catedral da Sé, para catequizar e alfabetizar os índios. Na cripta dessa igreja estão os restos mortais do cacique Tibiriçá, que muito auxiliou os padres.



O termo “Bandeirantes” se deve ao fato de as expedições sempre conduzirem à frente uma bandeira com as insígnias representativas do chefe da expedição, em geral, a bandeira da Ordem da Cruz de Cristo, conforme consta na bandeira atual da cidade de São Paulo. A bandeira também traz, ao centro, dentro de um círculo, o brasão da cidade com a expressão em latim *Non Ducor Duco*, que significa “Não sou conduzido, conduzo”.

Até 1987, a cidade de São Paulo não tinha uma bandeira oficial. Ela foi oficializada, entre outros decretos polêmicos como a proibição do uso de biquínis e jogos com sunga, pelo prefeito Jânio Quadros, que era maçom. Iniciado em 1946 na Loja

Libertas, 35, Jânio deixou a Maçonaria antes de receber o grau de Mestre. Em outubro de 1985, regularizou-se na Loja Nova Era Paulista, 116, e, um depois, foi Exaltado a Mestre. Em 1989, se filiou à Loja Luzes do Oriente, 357.

Provavelmente, Jânio ou os maçons que o assessoravam, na Prefeitura, sabiam da importância do significado da Cruz da Ordem de Cristo para os Cavaleiros Templários. Junto com a bandeira, a azaleia, que se apresenta em grande variedade de cores, foi declarada como a flor símbolo da cidade de São Paulo. E a Avenida Paulista como a imagem símbolo da capital paulista. ◆



Bibliografia e referências:

HILTON, Federici (1981). *Símbolos Paulistas*. São Paulo: Secretaria da Cultura, Comissão de Geografia e História.
 RIBEIRO, Clóvis (1933). *Brasões e Bandeiras do Brasil*. São Paulo: Editora Limitada.



CRÍTICA E ORATORIA

Irmão Luciano Alves Filho

Loja Sabedoria e Prudência, 756 – Oriente de Indaiatuba



Em um passado não tão distante, uma frota de belonaves americanas navegava pelo Atlântico Norte, à noite e em condições de baixa visibilidade, quando foi estabelecido o seguinte contato de rádio na frequência de emergência: “Naves próximas às coordenadas 39.03N 28.00W, aqui é o F38. Vocês estão em proa de colisão conosco. Sugiro desvio de 20 graus à direita”.

Após um silêncio de dois minutos, chega a resposta: “F38, aqui é o porta-aviões George W. Bush, em manobras no Atlântico. Desviem vocês 20 graus à direita”.

Após três minutos: “Armada Americana, aqui é o F38, recomendo que vocês desviem 40 graus à direita, para que não haja colisão conosco”.

Mais dois minutos: “F38, aqui é o almirante, comandante em chefe da armada americana, somos três porta-aviões, cinco cruzadores, dois navios tanques e quatro submarinos, com 10 mil homens. Desviem vocês 40 graus à direita”.

Em seguida, chegou a seguinte mensagem: “Almirante, aqui, somos uma pequenina ilha, com um posto de sinalização de número 38. Somos quatro sargentos, um cozinheiro, um cavalo e um cachorro. Vocês estão a meia milha para o local do provável acidente. Já estou enviando mensagem de emergência para socorrer os sobreviventes de sua poderosa armada”.



Total silêncio nos rádios! O almirante fez meia volta e saiu de fininho, sem comentários adicionais (sátira de autor desconhecido).

Embora o diálogo seja fictício, podemos observar um grande problema de comunicação entre as partes, possivelmente de origem cultural e de linguagem. Sem mencionar a soberba do almirante.

Desde o início dos tempos, o ser humano tenta estabelecer formas de comunicação com seu próximo, seja através de sinais, da fala ou da escrita.

Afora as pinturas rupestres, há registros nas tabuletas sumérias, de cerca de seis mil anos atrás, da escrita cuneiforme, levados a termo pelos escribas e ditadas pelos seus “deuses”. Todavia, não foram

poucos os acidentes e guerras iniciados por uma deficiente comunicação.

A oratória é essencial para aqueles que necessitam transmitir conhecimento e



convencimento. Sua prática é noticiada desde os gregos e romanos, a exemplo de Aristóteles, Cícero e Quintiliano, entre outros.

No Brasil, grandes escritores como Rui Barbosa, Monteiro Lobato e o professor Mario Sergio Cortella, entre muitos, são exemplos dessa primorosa arte da comunicação escrita e falada.

Todavia, nem todos nascemos com essa facilidade. Em nossa Ordem, usualmente, o maçom é incentivado a fazer uso da palavra para demonstrar seu conhecimento num tema ou para comentar as Peças de Arquitetura de um irmão, o que, tecnicamente, chamamos de Crítica.

Muitas das vezes, por não nos planejarmos adequadamente, divagamos sobre muitos temas, de forma simultânea, tornamo-nos repetitivos e perdemos a noção do tempo.

O nosso Ritual limita a Palavra a Bem da Ordem em “três a cinco minutos”.

Neste resumido trabalho, vamos mostrar alguns conceitos de Crítica, sua finalidade e algumas regras básicas na sua formulação. Também iremos sugerir um plano para organizar o trabalho escrito, qualidade que todo maçom deve buscar aperfeiçoar.

A Crítica

Na vida profana, usualmente, considera-se crítica como sendo algum comentário pejorativo ou depreciativo. Algo que difama o outro. Mas isso não é uma verdade. Didaticamente, a crítica tem uma função mais nobre.

Senão, vejamos:

- “No domínio da filosofia, Kant usa o termo crítica para designar a reflexão da validade e dos limites do ser humano ou de um conjunto de elaborações filosóficas”. Ainda, segundo ele, a crítica é um julgamento de mérito; tal julgamento é estético, se contempla uma obra de arte; lógico, se contempla um raciocínio; intelectual, se con-

templa um conceito, uma teoria ou um experimento; moral, se contempla uma conduta¹.

- Já para a escola de mais alto nível da Força Aérea Brasileira (FAB), a ECEMAR, “Crítica é a apreciação de méritos e deméritos de um desempenho. Visa aprimorar futuros desempenhos”.¹¹

Existem muitas definições para Crítica, mas, neste trabalho, iremos nos limitar a explorar esse último, que acredito esteja mais próximo da nossa realidade.

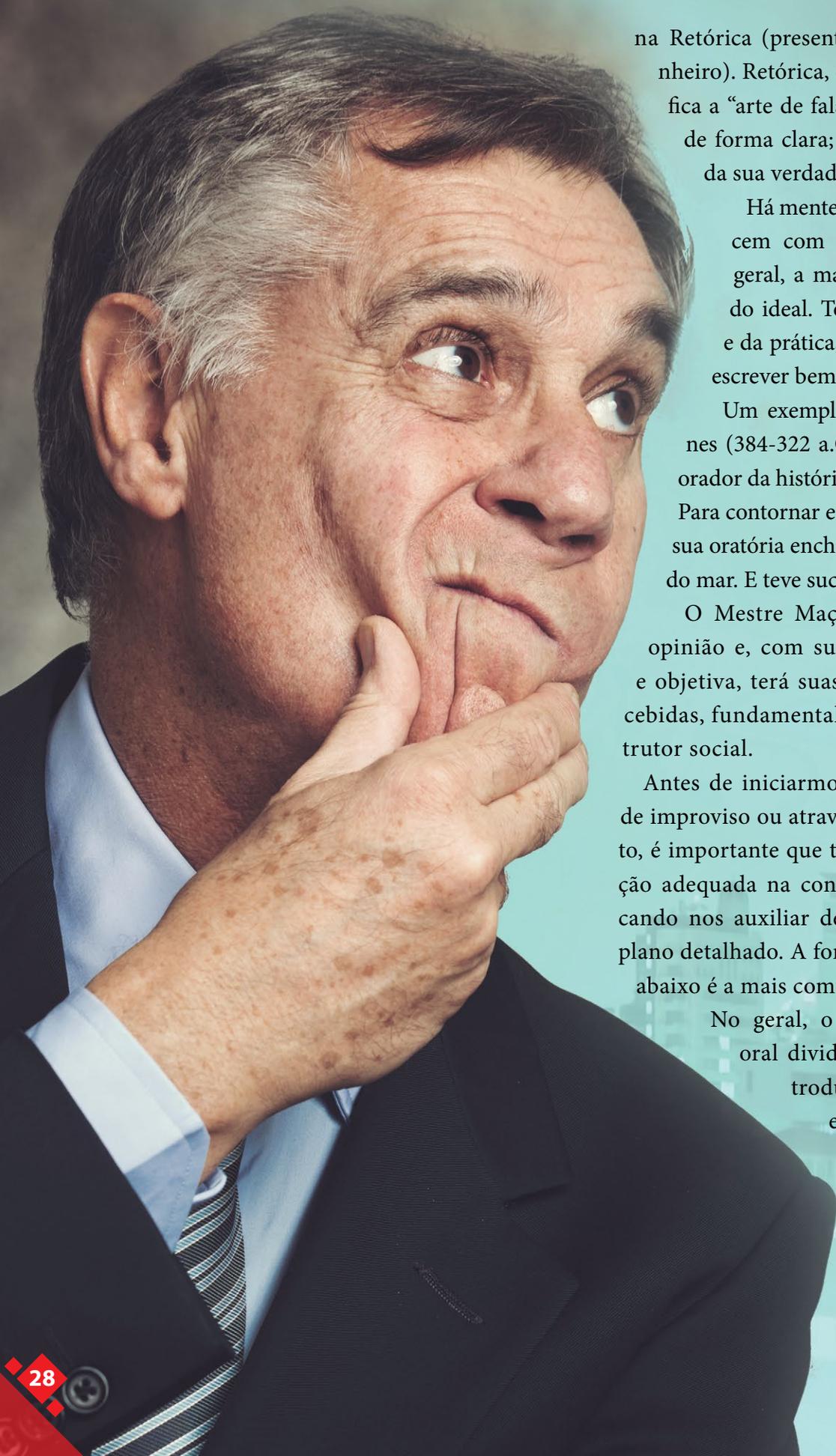
A referência a méritos e deméritos já nos induz ao raciocínio de que todo desempenho tem aspectos positivos e aspectos que podem ser melhorados. A crítica deve, portanto, observar a ambos na busca do aperfeiçoamento.

Também é de bom alvitre que aquele que critica conheça o assunto em apreço, sob pena de perda de credibilidade por parte de quem a recebe. Daí a necessidade de estarmos, constantemente, nos aprimorando nos estudos.

Devemos tomar o cuidado de iniciar comentando os aspectos positivos, meritórios, deixando para o final aqueles que necessitem de correção. Ao comentar, devemos privilegiar sempre os aspectos de relevância, evitando falar do óbvio, longos elogios ou ser um “voraz inquisidor”. A crítica deve ser precisa e concisa. Também deve ser oportuna. Tem de ser feita naquele momento que sucede a ação, quando todos os aspectos ainda estão frescos na memória. Se deixarmos para a próxima oportunidade, aspectos importantes ficarão obscurecidos, e o avaliado não irá fixar bem o ensinamento.

A Oratória

Dando fundamentos à crítica, faz-se necessário construí-la através da Oratória, baseada



na Retórica (presente no Painel do Companheiro). Retórica, do grego *rhetorike*, significa a “arte de falar bem; de se comunicar de forma clara; de convencer os demais da sua verdade”.

Há mentes privilegiadas que já nascem com essa facilidade, mas, no geral, a maioria de nós está aquém do ideal. Todavia, através do estudo e da prática, todos poderemos falar e escrever bem.

Um exemplo vitorioso foi Demóstenes (384-322 a.C.), considerado o maior orador da história da Grécia, que era gago. Para contornar esse obstáculo, ele treinava sua oratória enchendo a boca com conchas do mar. E teve sucesso.

O Mestre Maçom é um formador de opinião e, com sua fala clara, organizada e objetiva, terá suas ideias sempre bem recebidas, fundamental na sua missão de construtor social.

Antes de iniciarmos uma oratória, seja ela de improviso ou através de um trabalho escrito, é importante que tenhamos uma organização adequada na construção das ideias, buscando nos auxiliar de uma formalística. Um plano detalhado. A formalística que menciono abaixo é a mais comumente utilizada.

No geral, o trabalho ou exposição oral divide-se em três partes: Introdução, Desenvolvimento e Conclusão.

Considerando o tempo disponível para a apresentação ou o número de páginas pretendidas, sugere-se

alocar 10% para a introdução, 80% para o desenvolvimento e os últimos 10% para a conclusão.

A introdução subdivide-se em atenção, motivação e orientação. Atenção pode ser a saudação às luzes, um boa-noite ou algo que faça com que a audiência perceba o expositor. A motivação consiste em mostrar a relevância do tema para a audiência ou avaliado. Quem escuta deve sentir-se convencido de que aquilo tem relevância para si. Orientação é como o trabalho, ou a apresentação, está dividido. A sequência. Obviamente que numa apresentação de três minutos, essa parte pode ser descartada.

O desenvolvimento é a parte nobre do trabalho. Faz-se mister uma pesquisa adequada, de forma a englobar o tema satisfatoriamente. Abaixo, segue a sugestão de um roteiro para orientar a preparação de uma apresentação:

- Consultar publicações relativas ao tema;
- Anotar a bibliografia pesquisada para fazer as referências. Isso não pode ser esquecido;
- Organizar os tópicos a serem desenvolvidos, numa sequência cronológica. Se possível e adequado, acrescente um histórico;
- Utilizar uma linguagem clara e correta. Uma gíria pode ter seu momento de encaixe, por exemplo, para retomar a atenção dos ouvintes, mas ela não deve ser usada além disso;
- Evitar frases longas. Usar da pausa para não atrapalhar a compreensão da audiência. O tempo médio em que um ouvinte consegue estar plenamente atento, numa exposição, é de 8 segundos, conforme estudo realizado em 2013 pela Microsoft, no Canadá. Em 2000, esse tempo era de 10 segundos. Daí a necessidade de utilizar todas as técnicas possíveis para quebrar a monotonia dos pronunciamentos^{III};

- Partir do geral para o particular ou vice-versa. É um estilo de quem constrói a ideia, conforme o efeito desejado em sua retórica;

- A conclusão deve revisar os tópicos mais importantes do que foi dito, sem acrescentar fatos novos. É um reforço no aprendizado;

- Sugere-se, também, deixar uma mensagem inerente ao tema, que motive o estudo.

Assim, prezado irmão, após verificarmos que a crítica é o caminho adequado para o aprimoramento dos nossos desempenhos, através da correta abordagem dos méritos e deméritos; bem como, embasá-la numa oratória calcada num planejamento organizacional e didático, espero haver conseguido motivá-lo a prosseguir nesse estudo. O que aqui mencionei é apenas um começo e não esgota o assunto.

E para reflexão, deixo uma frase de Carlos Drummond de Andrade: “Bom orador é o que convence a si mesmo, antes de convencer o auditório.” ◆

Anotações:

I - https://pt.wikipedia.org/wiki/Cr%C3%ADtica_

II - Apostilas de Curso de Comando e Estado Maior da Aeronáutica - A Crítica.

III - Artigo no site Tecmundo: *Hoje, o tempo de atenção de um humano é menor que o de um peixinho-dourado*
<https://bit.ly/3nhTvJw>

O PEREGRINO



Irmão Marcos Lozano Neto

Loja Cinquentenário, 192 – Oriente de Santo André

Lembrei-me da viagem anterior quando cheguei até aonde meus pés aguentaram. Não conseguindo ir até o ponto do oriente onde faria minhas ofertas de devoção, retornei para o ocidente. A tristeza de não ter conseguido terminar minha busca foi vencida pelas palavras de conforto e otimismo dos irmãos que haviam ficado, mas que me acompanharam de dentro do coração ou através das pequenas pranchas que me mandavam e que eu as recebia naquela jornada.

Agora, começo uma nova viagem, mais madura em virtude da experiência anterior, mas estava resolvido a chegar até o oriente para cumprir a jornada que outrora havia planejado.

Nessa viagem, porém, ganhei um companheiro que também iria fazer a mesma rota. Parecia que eu o conhecia de outras épocas. No caminho, íamos conversando sobre as coisas da vida e, nesse interim, descobrimos que tínhamos muitas afinidades e que, inclusive, já tínhamos trabalhado com o maço e o cinzel. No compasso de nossos passos, íamos falando sobre a sabedoria, a força e a beleza existentes na natureza, procurávamos dividir, nas 24 horas do dia, nossos planos para alcançar o oriente.

Caminhávamos sem preocupação, íamos atravessando fronteiras e observávamos a di-

versidade de raças, costumes e credos, a cada passo que dávamos. Uma paz interior ia tomando conta de mim. Conforme o destino final ia se aproximando, percebia o quanto tinha aprendido e o quanto aquele companheiro que estava ao meu lado me dava segurança fato este que me fez pensar que nunca estamos sozinhos, basta procurarmos ao nosso redor e encontraremos obreiros que nos falam com sabedoria sobre a força e a beleza que encontramos no universo, basta procurarmos.

Enfim, chegamos ao nosso destino, e pude refletir sobre tudo o que aconteceu durante a viagem, buscando, dentro de mim, as respostas para tudo o que havia se passado. Pude perceber que basta procurar dentro de si mesmo e retificar-se para encontrar a força e ver que a fé, a esperança e a caridade, que podem nos levar a lugares que nunca pensamos ser possível chegar e que estão além de nossa compreensão.

Com o meu propósito cumprido, dei um fraternal abraço em meu companheiro e agradei ao Ser Supremo que nos acompanhou em todas as adversidades, percebendo que a chegada no final da minha viagem era apenas o começo da eterna busca da luz do oriente.

Este é dedicado aos irmãos Rodolfo e Roberto da Loja Cinquentenário, 192, por sua viagem peregrina ao Oriente de Aparecida, e a todos os peregrinos de nossa Ordem. ◆

Breve explanação sobre a MAÇONARIA



Irmão José Antonio Geraldo Rodrigues Pavão
Loja Manchester Paulista, 413 – Oriente de Sorocaba

Quando me foi solicitado fazer uma breve explicação sobre a Maçonaria, tendo em vista que 20 de agosto é o Dia do Maçom, me fiz a seguinte pergunta: O que vou dizer, se todos os que aqui estão já ouviram as Instruções dos Graus, além de já terem tido contato com várias informações sobre o tema?

Isso me fez pensar em Sócrates, o pai da filosofia ocidental, que há milhares de anos disse o seu grande paradoxo: Eu sei que nada sei.

Pois é isso mesmo, por mais que saibamos sobre esse tema, não existe confirmação exata se o que se fala ou se lê é a verdade sobre ele.

Uma das correntes mais usuais sobre o aparecimento da Maçonaria é de que as caravanas de mercadores, guardadas por guerreiros, cavaleiros e militares europeus, que iam ao Oriente pela Rota da Seda e para Jerusalém, levavam sempre profissionais especializados para a construção de estradas, templos, paladiças, pontes, áreas cobertas e salas para abrigar animais e pessoas, aquedutos etc. Eram os pedreiros.

Isso já ocorria bem antes dessa era. Na história antiga, existem relatos de exércitos que conquistavam outros países e sempre levavam esses profissionais. Isso teve seu apogeu com os exércitos romanos, que de forma organizada usavam esses profissionais para suas construções.

Por que os pedreiros? Porque eles sabiam montar e construir edificações, além do que, como até hoje, se deslocam por grandes distâncias para poder trabalhar, pois vão aonde está o serviço. Isso é reforçado pois qualquer exército que se desloque a outros locais, até nos dias atuais, sempre leva consigo pessoas para trabalhar em edificações.

Naquela época, esses profissionais aprendiam o ofício no seu local de trabalho, com muito esforço, e se dedicavam muitos anos no aprendizado. O conhecimento era passado verbal e operacionalmente de um para outro. Somente os mais experientes tinham condições de ensinar os novatos.

O trabalho tinha início e fim. Após isso, eles se reuniam em outros locais, sempre seguindo junto com caravanas ou exércitos, por segurança. Para iniciar outra obra, como nem sempre se reuniam pessoas já conhecidas, que falavam a mesma língua e tinham os mesmos conhecimentos, eles passaram a desenvolver formas de identificação com sinais, toques e palavras, para poderem identificar a experiência de cada um.

Com a Idade Média, que surgiu na Europa logo após a queda do Império Romano, começaram a surgir os Feudos naquele continente, com muitas guerras de conquistas entre os mesmos, além da expansão do cristianismo dentro da Europa e fora da mesma.

Nesse período, apareceram as Cruzadas, que tinham por objetivo a Terra Santa, mais precisamente Jerusalém. Existiram nove Cruzadas oficiais entre os séculos 11 e 13 de nossa era, que tiveram início em 1.096 e se estenderam por cerca de 200 anos, até 1.192. Elas objetivavam a expansão do território europeu e do cristianismo, ocupar terras e tomar riquezas de outros povos.

A primeira Cruzada cercou Jerusalém de 7 de junho a 15 de julho de 1.099, tomando a cidade. Vários desses soldados utilizavam o Templo de Salomão, em Jerusalém, para abrigar a si mesmos e a seus cavalos, surgindo daí, em 1.118, a Ordem dos Cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão, tendo como fundadores Hugo de Payens, seu primeiro Grão-Mestre, e Godofredo de Saint-Omer. Porém, o nome mais conhecido

dessa ordem é o de Jacques DeMolay, seu último Grão-Mestre, quando foi extinta em 1.312.

Como já dito anteriormente, os pedreiros andavam juntamente com os soldados para efetuarem construções e para sua proteção. Eles iam e vinham do Oriente para o Ocidente e vice-versa, trazendo e levando conhecimentos.

Durante o período de existência da Ordem dos Cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão, os pedreiros executaram várias edificações de templos e palácios por toda a Europa, deixando em suas construções símbolos, às vezes meio ocultos, em outras, mais visíveis, como o esquadro, o compasso, a régua, o maço e o cinzel, que eram os instrumentos utilizados para a medição e talhamento, ou seja, cortar dando forma, dos materiais nas construções.

Com a extinção da Ordem dos Cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão, os pedreiros perderam de certa forma seu amparo. Nessa época, a Europa atravessava o que chamamos de a Idade das Trevas. Durante esse período, os pedreiros foram contratados por senhores feudais para construções de palácios, pontes, templos etc., sempre deixando suas marcas.

O grande contratante naquela época era o Clero, e os pedreiros construíram várias igrejas, mantendo o registro de suas marcas. Durante todos esses anos da Idade Média, e até mesmo após, artesões, entre eles os pedreiros, marceneiros, mercadores e pintores, se reuniam em corporações de ofício, também chamadas de guildas, para transmitirem conhecimentos e se unirem. Todos os conhecimentos eram passados manualmente, por demonstração, e verbalmente, tendo em vista não ser usual a escrita na época. Muitos desses conhecimentos foram trazidos do Oriente, onde existiam povos mais evoluídos culturalmente do que os europeus.

Havia no Oriente conhecimentos mais elaborados e sedimentados, como a álgebra, a matemática, a medicina, a filosofia, a astronomia e a poesia, além de toda uma cultura milenar sedimentada de geração em geração.

Por isso, dizemos que a luz vem do Oriente, principalmente porque a Idade Média foi considerada a Era das Trevas na Europa, onde a perseguição política e religiosa suprimiu a liberdade de expressão e seguiu o desenvolvimento do conhecimento humano. Esse é o período da Maçonaria Operativa.

Isso durou até o Renascimento, nos séculos 15 e 16 (de 1.401 a 1.600), que provocou mudanças sociais, políticas e econômicas, não só na Europa, mas que se propagaram a outros locais do planeta.

No Renascimento, passaram a se unir a esses artesãos pessoas vindas de outras profissões, como músicos, poetas, escritores, advogados, médicos e empresários. Esse é o início da Maçonaria Especulativa, a que executamos em nossos dias.

Podemos dizer, sem dúvida, que a Ordem dos Cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão, conhecida atualmente como a Ordem dos Templários, teve grande participação na formação dos maçons atuais.

Os profissionais continuaram a se reunir e adotaram como identificação os sinais, toques e palavras dos antigos pedreiros. Além disso, adotaram outros símbolos que também vieram do Oriente, como as pirâmides, o Olho que Tudo Vê e frutas (como, por exemplo, a romã), além de modelos de construção, como o Templo de Salomão, que foi construído orientando-se de Leste para Oeste, seguindo a trajetória do Sol do Oriente para o Ocidente. Nessa orientação adotada no Templo de Salomão, as colunas papiriformes era colocadas na sua entrada, o lugar de guardar os textos sagrados.

Falamos aqui do segundo Templo de Salomão, pois o primeiro era anexo ao palácio do Rei Davi, conforme apresentado na Bíblia hebraica. No entanto, a Maçonaria, apesar de manter essa relação geográfica de Leste para Oeste, de Norte ao Sul, do Céu ao centro da Terra, mantém no teto de seus templos o céu existente na época da peregrinação judaica pelo deserto.

Durante os rituais sagrados, era montada no deserto uma edificação com um retângulo no Ocidente, onde ficavam os fiéis; e um quadrado no Oriente, onde ficavam os sacerdotes.

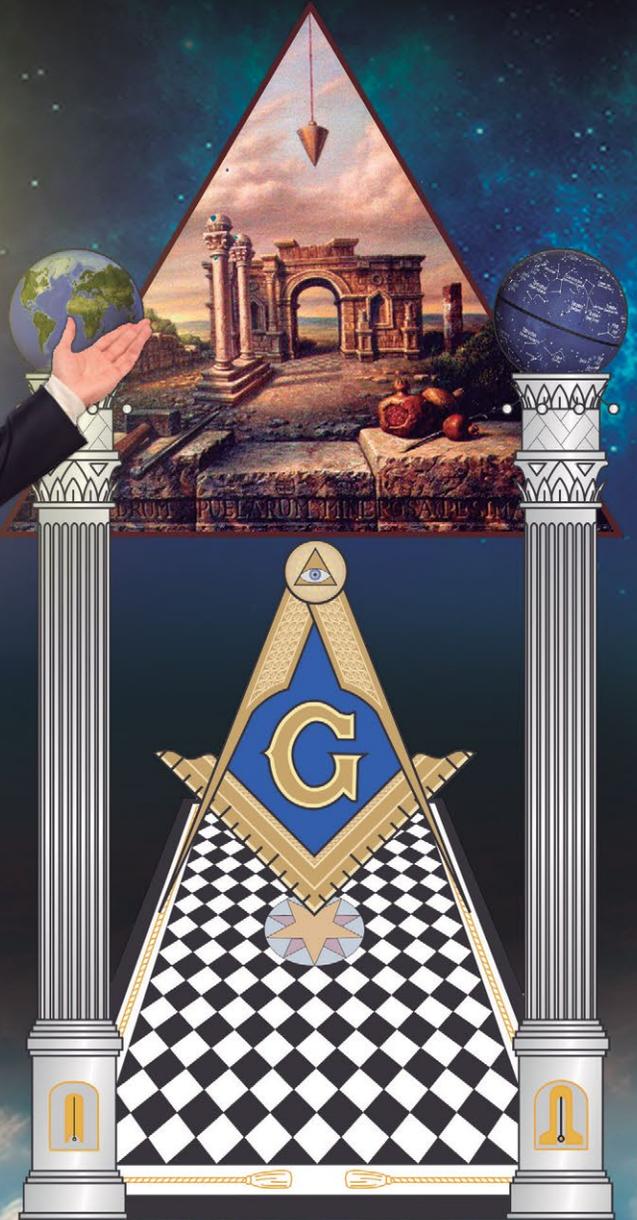
Esse local era edificado com tecidos apoiados em colunas laterais, amarrados por cordas, tinha como cobertura apenas o céu. O nome desse local era Tabernáculo, onde em seu centro ficava a Arca da Aliança, com os escritos sagrados.

O candidato quando está para ser iniciado na Maçonaria fica guardado em uma câmara escura, cercado de símbolos mórbidos, para, após sua Iniciação, ver a luz. Podemos usar essa simbologia como a cultura que veio do Oriente com os viajantes, trazendo a luz para a Europa ainda mergulhada na Idade das Trevas. Assim, o neófito, já iniciado, viu a luz que o seguirá em sua vida, após ter passado pelas trevas da ignorância.

Finalmente, a Maçonaria é uma sociedade universal, composta de homens de bons costumes, que obedecem as leis de seu país e acreditam em um Ser Superior, que chamamos de Grande Arquiteto do Universo, em respeito a todas as religiões.

Ela não é uma religião, nem uma forma de ascensão social ou material, cultiva o humanismo, a liberdade, a igualdade, a fraternidade e os aperfeiçoamentos morais e intelectuais da humanidade. ◆

EU ABRO E FECHO A LOJA, E VOCÊ?



Irmão Erik Silva Imiani

Loja Merkabah, 569 – Oriente de Guarulhos

Cá estamos, Sala dos Passos Perdidos, a hora se aproxima, então começamos a pôr os paramentos, uma batida no sino, e agora sim, todos em fila dupla, como de costume uma leitura para a concentração de todos, estamos nos preparando para adentrar ao templo, ouço a seguinte fala: Venerável Mestre, nosso templo encontra-se devidamente ornamentado. Verdade, meu templo está ornamentado com o que há de mais belo, estou em companhia dos meus irmãos em mais uma noite, já posso sentir a alegria contagiante, o olhar sincero e o coração cheio de amor... Sim, meu templo está ornamentado.

Adentro em silêncio, e, uma vez todos em seus lugares, nos sentamos, e eis que ouço uma música em surdina e sinto o aroma do incenso que acalma o coração e o espírito, um minuto de silêncio profundo, aqui já começo a meditar, esqueço do trânsito, da chuva, do calor, do trabalho, assim me coloco numa posição propícia, quando de repente o silêncio é quebrado pelo som do malhete... “Em loja, meus irmãos!”, brada o Venerável Mestre. Agora sim estou em loja e por alguns instantes irei me esforçar para estar de corpo e alma em mais uma sessão, me desligando do mundo profano.

O primeiro dever do 1º Vigilante é de verificar se o

templo está coberto. Assim também procedo, faço uma varredura interna, começo pelos meus pensamentos, procuro algo de estranho que paira na minha mente e que certamente será como um intruso nos trabalhos em loja. Feito, o 1º Vigilante parte para seu segundo dever: ver se todos os presentes são maçons. Como anteriormente, também assim procedo, mas esse ver não é somente olhar e ver se o irmão está com sinal e a posição correta, esse ver é de olhar realmente para o irmão e perceber se ele está bem física e emocionalmente para estar em loja.

Adiante, noto o giro dos Diáconos, o primeiro movimento em loja, o motor de arranque que irá dar o primeiro giro nessa engrenagem orgânica e espiritual. Uma vez recebida a palavra “Verbo”, o receptor, ou seja, o 1º Diácono, inicia sua descida do Oriente ao Ocidente. O verbo para surtir efeito deve ser comunicado e expandido, o mental por si não surte efeito pleno, pois é uma ideia, para se concretizar o verbo, é repassada ao lado direito do corpo, a Força, esta é acionada, e então o plano começa a ser executado, Vontade (Sabedoria) e Execução (Força) necessitam agora de um terceiro elemento para fechar a tríade, eis então que o 2º Diácono a serviço da Força procura a Razão (Beleza), pronto, o triângulo está formado, a união do Mental (Oriente) e o Físico (Oriente) operaram juntos a Grande Obra.

O Grande Arquiteto do Universo é invocado, o livro é aberto, um versículo do texto sagrado é lido, quão bom é viver os irmãos em união, é como o óleo derramado sobre a cabeça que desce sobre a barba de Arão, são os pensamentos positivos e as bênçãos que passam a ter uma descida do ponto mais alto até o mais baixo, iluminando e purificando o corpo, ele é como o orvalho, fino e vagaroso que aos poucos vai encharcando o coração.

O portal foi aberto, as energias do microcosmo agora atuarão juntas com a do macrocosmos, nossos pensamentos e energias formam uma cadeia, uma corrente energética onde devemos nos esforçar para

depositar nela energias positivas, sentimentos puros e harmoniosos. Graças te rendemos, Óh, Grande Arquiteto do Universo!, porque por Sua vontade estou vivo, com saúde e reunido com meus irmãos, vencendo as dificuldades dos nossos caminhos para evoluirmos individual e coletivamente, para reunirmo-nos aqui e em Seu nome e prosseguirmos em nosso labor. Faz, Senhor, com que nossos corações e inteligências sejam sempre iluminados pela luz que vem do alto, porque só Vossa Luz ilumina e fortifica nosso espírito, que tudo nesse Augusto Templo seja tratado aos princípios da Moral e da Razão, só com constante emprego da Moral e da Razão poderemos dominar nossa natureza e nos tornar seres melhores. Huzzé! Huzzé! Huzzé! Esse brado sai alto e forte, pois é preciso expulsar o que não tem direito a partilhar dos trabalhos.

Minha loja foi aberta, agora partilho das mesmas energias dos meus irmãos, estamos ligados pela corda de 81 nós e protegidos por um irmão armado de espada. Procuro emanar sentimentos fraternos, paz, harmonia e sabedoria, ciente que, uma vez a loja aberta, estamos em sintonia única, vibrando positivamente como um só corpo, como uma só mente.

Chega a hora de partilhar meu óbolo, minha contribuição material, parte do meu esforço físico, afinal é dando que se recebe, encho o coração de amor e fraternidade, deposito naquela bolsa certo que a minha contribuição irá auxiliar um menos afortunado.

Depois de um tempo envolto naquela energia, é anunciado que os trabalhos serão encerrados, então ouço: “À glória do Grande Arquiteto do Universo e em honra a São João, está fechada esta loja”. O Livro da Lei é fechado, os Diáconos e o Orador retornam a seus lugares, fecho minha loja, pois meu Corpo Templo agora está carregado de energias positivas e de bons fluidos emanados por meus irmãos. Volto agora para o mundo profano, um pouco mais harmonioso e desejoso de contribuir física e espiritualmente para um mundo melhor, um pouco mais pacífico e bondoso. Eu abro e fecho minha loja, e você? ◆





HOJE ACORDEI CEDO

Irmão Darvi Bridi

Loja Apóstolos do Templo, 241 – Oriente de São Paulo

Hoje acordei cedo, tomei banho, bem frio, para acalmar as ideias.

Lentamente tomei café, pensando... Ainda é cedo, mas um dia muito especial dá aquela vontade de sair gritando. Com maestria vesti meu terno preto, camisa branca, sapato preto, gravata preta, senti que até minha vestimenta estava com saudades de mim, afinal, são quase dois anos sem o aconchego, me apertou com força (não sei se era felicidade ou eu que engordei!). Peguei minha mala de paramentos, um pouco empoeirada por fora, mas por dentro sabia que minhas ferramentas de trabalho estavam lá, limpas e prontas para a labuta.

Saí porta afora, senti uma brisa fresca me aca-

riciando, certamente dando um bom-dia, sabia ela que hoje, um dia especial, devia ser bem comemorado, bem aproveitado.

Dia de rever nossos queridos e valiosos irmãos, alguns foram chamados pelo Grande Arquiteto do Universo para o trabalho no Oriente Eterno, mas a maioria está aqui, todos felizes e sadios.

Algumas tristes lembranças desses tempos idos de pandemia louca que assolou nosso planeta, mas, tudo passa, estamos de volta.

Vamos aos trabalhos que o nosso templo de virtudes nos espera, nossa obra nunca acaba, mas a satisfação de saber que nosso trabalho ficará para sempre nos dá essa alegria de viver. ◆



A Verdade

A REVISTA DO MAÇOM



R\$ 106,15

- Jornalismo, informação e estudo
- O pensamento dos mais conceituados autores da Maçonaria contemporânea
- História, ritualística, simbologia, filosofia e muito mais...

Para obter a assinatura anual (6 edições) envie cheque nominal à Grande Loja Maçônica do Estado de São Paulo, no valor de R\$ 106,15, juntamente com seus dados (nome, endereço completo, telefone, e-mail, loja, oriente e potência) para a Caixa Postal 2.774, CEP 01031-970, São Paulo, SP.



www.glesp.org.br